

O PROFANO E O SAGRADO NO COTIDIANO AFRICANO

*Claudia Lima

A necessidade estética demonstrada pelos africanos nas diversas atividades foi detectada pela maior parte dos pesquisadores. Tudo o que num objeto ultrapassa a utilidade instrumental, tudo o que foi feito sem objetivo prático, revela uma necessidade de satisfação visual. A arte surge assim como o ultrapassar do trabalho. Muitas vezes, essa beleza da forma e da decoração dá mais força a autoridade do possuidor do objeto. Não é, portanto, surpreendente que tenha sido feitos grandes esforços para dotar de beleza os atributos dos chefes, dos reis e dos seus cortesãos. Fabricados pelos melhores artesãos, ou artistas profissionais em materiais caros, metais, marfim ou miçangas, foram criados, prioritariamente, para afirmar o prestígio do soberano.

Os artesãos e artistas criadores não procuraram distinguir-se pela originalidade, trabalham dentro dos costumes e seu imaginário era enriquecido pelos mitos, tradições e experiências próprias do mundo no qual viviam. Objetos cotidianos agrupam e apresentam preocupações elementares do homem no seu meio natural: criar um quadro de vida, alimentar-se e alimentar uma grande família, vestir-se, adornar-se, defender seu direito à existência afirmando sua força, divertir-se em sociedade e, finalmente, confirmar visualmente a autoridade que regula a vida da coletividade.

Grande número de palácios misteriosos e imensos marca a história africana. No século XV, o imperador do Mali, cuja corte estava literalmente banhada em ouro, era considerado como igual aos príncipes da cristandade. Mas, fosse qual fosse o nível de vida, simples ou real, uma mesma necessidade de satisfação estética dos habitantes fazia-se sentir. Quando era criado um objeto, um assento, um recipiente, uma arma, quando era fabricado um tecido, a sua aparência visual era alvo de um cuidado muito especial. Procuravam uma bela cor, realizavam uma decoração esculpida ou pintada, por mais humilde que fosse. O artesão não se contentava em produzir uma peça funcional, aspirava torna-la bela.

As portas da Costa do Marfim, muitas vezes ornadas de belas decorações em que o ligeiro relevo faz referência a mitos. Essas portas eram munidas no passado de ferrolhos ou de fechaduras esculpidas em madeiras, igualmente decoradas de figuras míticas. As portas eram usadas em celeiros para que as colheitas ficassem em segurança.

As esteiras encontravam-se por toda a África e podem ser consideradas como o elemento básico do mobiliário. As camas de madeiras esculpidas eram peças célebres dos reis. Outra peça muito utilizada e de muito requinte são os apoios de cabeça para compensar a simplicidade do leito. Destinavam-se a preservar o arranjo muito elaborado de certos penteados. Já conhecidos no Antigo Egito, permitiam manter a cabeça a altura dos ombros durante o repouso. Associado ao sono, aos sonhos, o apoio de cabeça ultrapassava largamente seu papel utilitário, podendo ser receptor de forças ocultas para os africanos. Objeto eminentemente pessoal que nunca se emprestava.

É, no entanto, o assento que, desde há muito tempo, se revela o elemento mais importante do mobiliário africano. Desempenha em primeiro lugar um papel de demarcação social, porque cada categoria

de indivíduos tem o direito a um assento de determinada forma, destinado a situá-lo na sua etnia. Alguns são usados pelos membros menos importantes do grupo, mas muitos outros servem para satisfazer o orgulho dos notáveis, atestando a sua elevada categoria ou riqueza, em geral, recoberta a parte de cima com ouro. Outrora, avaliava-se e respeitava-se um homem pelo seu tamborete.

Esse papel social do tamborete tem raízes em concepções religiosas. Tal como o apoio de cabeça, o assento não se empresta. Entre os Achanti, julgava-se que servia de morada a alma do seu proprietário. Quando desocupado era deitado de lado, o que impedia que alguém se sentasse nele. A sorte reservada ao tamborete de um chefe achanti revela a autoridade deste. Se o dignitário faltar aos seus deveres, perderá o seu tamborete e, portanto, o seu prestígio na comunidade. Mas, se for um bom chefe, será possível, depois da sua morte, fazer-lhe a honra através do seu tamborete, que será então colocado no templo dos tamboretos, um compartimento especial do palácio, onde desempenhará um papel comparável ao das estátuas de antepassados nas outras etnias. Um tamborete destinado a uma rainha-mãe, era coberto de placas de prata finamente trabalhadas, porque a rainha-mãe tem como emblema à lua e o seu metal é a prata e não o ouro.

No caso dos tamboretos destinados aos humildes mortais, é a parte média da peça que varia na sua forma e ornamento. Qualquer pessoa pode comprar um tamborete desde que o modelo escolhido convenha à sua categoria social. Em algumas etnias o tamborete não tem valor ritual, mas conserva o seu papel de sinal social distintivo.

Os reis atraíram sempre para a sua corte os melhores escultores, desta forma, os assentos reais marcavam o apogeu do estilo de cada etnia. Na maior parte são peças únicas de um valor excepcional. Os artistas baseavam-se na decoração por elementos simbólicos. Esses grandes tronos reais surgiam em público nas grandes ocasiões e, com os Congos, nos intervalos era, segundo a tradição, confiado a guarda da primeira esposa do rei.

A iluminação das casas era proveniente de lâmpadas compostas por uma taça cheia de óleo de karité, obtida de uma árvore do Sudão, cujas sementes fornecem uma substância gordurosa, uma mecha de algodão mergulhado no óleo. Algumas dessas lamparinas tinham uma bela ornamentação. Todas elas eram obras de ferreiros, mas havia algumas feitas de terracota. Nas casas ou nas suas imediações encontravam-se alguns utensílios destinados a agricultura ou ao artesanato.

A hospitalidade africana é sempre generosa e calorosa e o convívio é bastante desenvolvido, em casa de um chefe abastado e respeitado, as refeições aconteciam em dois grupos separados, o dos homens e o das mulheres. Os convidados importantes eram servidos à parte, exceto se manifestassem o desejo de comer com toda a gente. Havia pratos regularmente reservados para serem enviados para fora: para parentes, amigos, pessoas a retribuir. A tradição exigia que uma família abastada reservasse sempre um prato para um pobre. A refeição é presidida pelo dono da casa. Sentado em uma pele de carneiro ou similar, uma criada apresentava-lhe uma grande cabaça de água, sabão e pano para lavar as mãos, ato imitado pelos convivas. O dono da casa era o primeiro a servir-se e as crianças, recebiam sua parte, depois dos adultos. No fim das refeições o dono da casa era o último a levantar-se para que cada um tivesse tempo bastante de comer e saciar-se. Os mesmos hábitos reapareciam com frequência fosse qual fosse a etnia.

A necessidade de alimentar cotidianamente uma numerosa família se fazia necessário acumular reservas, armazená-las, depois prepará-las, o que motivou a fabricação de numerosos recipientes divididos

em três grandes categorias tradicionais: cerâmicas, cabaças e cestarias, que são usadas em todas as camadas da sociedade.

A produção de cerâmica, detectada no Saara desde o sétimo milênio antes de Cristo, prosseguiu até os dias atuais e se encontra ainda viva. Em todas as culturas conhecidas, a passagem de caçadores-coletores nômades a de agricultores, mais ou menos sedentários, na Revolução Neolítica, foi acompanhada pela criação de cerâmicas. Na grande maioria dos casos a cerâmica é fabricada pelas mulheres e, particularmente, pela mulher do ferreiro. Esta nunca trabalha no torno e fabrica tudo com as mãos. Para os alimentos que não precisavam de cozimento havia a tendência a preferir as cabaças ou abóboras, que são utilizadas na África para fabricação de recipientes muito variados. A forma inicial da cabaça pode ser modificada se for apertada por um cordão durante o crescimento.

A cestaria tem os seus artistas como os Tutsi de Ruanda e seus delicados recipientes espiralados, com tampas terminadas em ponta, adornados com motivos geográficos. Matéria prima fornecida pela natureza, são ervas diversas, nervuras de folhas, palmeiras, papiros, folhas de milho, etc. Os diferentes modos de entrançamentos, por vezes muito complexos, têm pontos comuns com a tecelagem. A cestaria é produzida para uma infinidade de objetos, desde recipientes para conservar leite como na Etiópia ou, ao contrário, para coar e filtrar.

Os objetos de madeira como assentos, apoios de cabeça, cachimbos e tambores e mais uma gama de recipientes, tem a medida do amor e do cuidado que acompanha a fabricação. Uma rica e específica ornamentação distingue os chefes pertencentes a uma aristocracia hereditária. Enquanto os objetos de madeira facilmente são alterados pela decomposição, os bronzes e marfins, materiais de maior resistência, que se manifestam civilizações misteriosas e fascinantes da Nigéria. Alguns recipientes em bronze com chumbo foram datados como sendo do século IX, sendo os mais antigos objetos fundidos por cera produzidos na África.

Na África os tecidos também são utilizados como adornos. As cores são vibrantes e os desejos com múltiplos motivos. O hábito vestuário é bem diferente conforme o país. Onde se encontra a religião islâmica há tendência para multiplicar as peças, túnicas e calças para os homens e grandes vestidos para as mulheres. Os homens têm a cabeça coberta com um gorro e as mulheres por um turbante. A cena muda por completo em países animistas,¹ onde é ainda freqüente uma nudez parcial.

Adornos e indumentárias como pulseiras de pulso e de tornozelos, anéis e brincos, presilhas e pingentes de cabelo, colar de miçangas, enfeites de vegetais e plumas, englobam o conjunto das indumentárias, revelando marcas tribais e posição social correspondentes às diversas etapas da iniciação, no que tange a religiosidade, com as pinturas corporais completando os esquemas rituais. O objeto africano quer seja ritual ou do cotidiano, respeita normas estéticas e simbólicas da tradição ancestral, manifestada nos mais diversos materiais. Para o africano a beleza e a utilidade estão vinculadas também pelo laço da estética e, naturalmente, a quem utiliza este objeto.

A religião e a arte, intimamente interligadas, atuaram no mesmo sentido. O homem negro elaborou uma visão do mundo concebida como um gigantesco confronto de forças naturais a conjurar ou a explorar. Em lugar de buscar subjugar, preferiu participar e ganhou com esta atitude uma prodigiosa riqueza

¹ ANIMISTAS: que têm como filosofia à religião vinculada com todos os seres da natureza como dotados de vida e capazes de agir conforme uma finalidade; religião dos orixás; cultos afro-brasileiros; candomblés.

emocional, existencial e espiritual. O rito e o verbo regem esse universo. As artes negras, em particular as esculturas e as músicas, foram verdadeiras mobilizadores para fins religiosos.

* Fonte do artigo: MEYER, Laure. *Objetos africanos: vida cotidiana, ritos, arte de corte*. Lisboa; Paris: Pierre Terrail, 1994.

* Claudia Lima: Graduação em Comunicação Social, Especialização em História do Brasil, Mestra em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, folclorista, etnógrafa, pesquisadora e escritora.

Site: www.claudialima.com.br

E-mail: claudiarochalima@yahoo.com.br

